

# Revista de Guimarães

Publicação da Sociedade Martins Sarmento

## **A INVESTIGAÇÃO ARQUEOLÓGICA EM ESPANHA. À MARGEM DO IV CONGRESSO INTERNACIONAL DE ARQUEOLOGIA, BARCELONA 1929.**

CARDOSO, Mário

Ano: 1930 | Número: 40

---

### **Como citar este documento:**

CARDOSO, Mário, A Investigação arqueológica em Espanha. À margem do IV Congresso Internacional de Arqueologia, Barcelona 1929. *Revista de Guimarães*, 40 (3-4) Jul.-Dez. 1930, p. 136-142.

---

Casa de Sarmiento  
Centro de Estudos do Património  
Universidade do Minho

Largo Martins Sarmento, 51

4800-432 Guimarães

E-mail: [geral@csarmiento.uminho.pt](mailto:geral@csarmiento.uminho.pt)

URL: [www.csarmiento.uminho.pt](http://www.csarmiento.uminho.pt)



Este trabalho está licenciado com uma Licença Creative Commons  
Atribuição-NãoComercial-SemDerivações 4.0 Internacional.

<https://creativecommons.org/licenses/by-nc-nd/4.0/>

## A investigação arqueológica

Tendo-se realizado êste ano em Portugal o XV Congresso Internacional de Antropologia e Arqueologia prê-histórica, pareceu-nos oportuna a publicação, devidamente autorizada, e vulgarização, nesta revista, do criterioso artigo, aqui vertido para português, do Prof. Dr. Pedro Bosch Gimpera, da Universidade de Barcelona, há pouco inserto na revista madrileña de cultura científica *Investigacion y Progreso* (1), versando os problemas essenciaes da investigação arqueológica em Espanha.

Na essência, êsses problemas são, no país vizinho, os mesmos de Portugal. Uma diferença existe, e profunda: é que, enquanto em Espanha o terreno está preparado e se trabalha hoje com critério e seqüência neste campo de estudos, em Portugal, à parte o labor de meia dúzia de nomes sobejamente conhecidos, que sabem honrar a sciência, campeia o diletantismo snob, a ignorância e o desmazêlo. A maioria dos poucos museus da especialidade que possuímos jazem na mais completa desorganização, por falta de direcção competente, não merecendo outro nome que o de «armazéns de objectos antigos». As escavações são feitas, quantas vezes, pelos mais obscuros e ignorantes pesquisadores, trabalhando por conta própria, com a simples mira na exploração comercial ou na rebusca de encantados tesouros, partindo tudo, dispersando objectos preciosos, rejeitando e destruindo o que tem valor e recolhendo inutilidades. . . .

Estamos ainda neste bárbaro estado de coisas, perante a mais completa indiferença dos Poderes Públicos. A Arqueologia em Portugal ainda não foi considerada uma sciência imprescindível aos estudos históricos; é, para muitos, apenas um ramo do *bric-à-brac*, um passatempo ino-

---

(1) Ano IV — 1930 — n.º 3, pág. 29 e n.º 4, pág. 44.

fensivo, para satisfação de coleccionadores mais ou menos ignorantes.

Atentem nisto os que se interessam pela cultura nacional, e meditem e aprendam nas palavras claras e concisas do belo artigo que segue, e que tanto pode servir-nos de proveitosa lição como de útil exemplo:

## A investigação arqueológica em Espanha

(A margem do IV Congresso Internacional de Arqueologia, Barcelona, 1929)

Por D. Pedro Bosch Gimpera, Catedrático da Universidade de Barcelona.

### O estado actual

No passado mês de Setembro teve a Espanha a honra de receber a visita dos mais prestigiosos arqueólogos de todas as nações, por ocasião do IV Congresso Internacional de Arqueologia <sup>(1)</sup>, que anteriormente se havia realizado nos grandes centros da civilização mediterrânea — em Atenas, Cairo e Roma, e que em Abril de 1930 terá lugar em Argel. Foram apresentadas ao nosso Congresso comunicações de suma importância, algumas das quais marcarão época, sem dúvida alguma, na história da Arqueologia, tal como a do Professor Persson, de Upsala, que descobriu o caminho para decifrar e interpretar a antiga escrita cretense <sup>(2)</sup>. Puderam os nossos colegas estrangeiros formar uma ideia do valor da Espanha relativamente à Ar-

(1) Portugal não se fez representar oficialmente neste Congresso! Alguns eruditos portugueses, entre os quais o Arqueólogo portuense Dr. Ruy de Serpa Pinto, que particularmente concorreram a êste certame científico, salvaram, mais uma vez, «a honra do convento», sendo o desleixo do Estado compensado felizmente pela representação individual. (Nota do trad.)

(2) Vide: Axel W. Persson, «*Schrift und Sprache in Alt-Kreta*», Upsal, Lundequist, 1930, 32 pág. Sal. Reinach mostra bastante scepticismo e reserva a propósito da importância dêste trabalho do illustre Prof. sueco. (Nota do trad.)

queologia, mercê da secção de Prê-história e Antiguidades do Palácio Nacional da Exposição de Barcelona, cuja inauguração lhes foi dedicada, mercê das visitas aos principais museus espanhóis e de excursões às principais jazidas prê-históricas e escavações: Emporion, Tarragona, Malhorca, Calaceite, Azaila, Numância, Altamira, Cuevas del Castillo e de Pindal, foram objecto de visita demorada, faltando apenas, para que tôda a Espanha houvesse sido percorrida, que se realizassem excursões a Sagunto, Itálica e Mérida, que aliás alguns congressistas visitaram particularmente. De todos estes lugares, bem como dos museus de Madrid e Barcelona, foram oferecidas aos Congressistas monografias científicas. Em matéria internacional realizou-se um facto que pode ser de um papel transcendente para o desenvolvimento da Arqueologia: a criação de um *comité* permanente dos Congressos Arqueológicos, onde terão representação todas as nações que tomam parte activa na investigação arqueológica e junto do qual a Espanha obteve para os seus representantes o número só concedido às nações de maior importância. Por aqui se depreende o papel primacial que, nesta ordem de estudos, está reservado à nossa Pátria.

Abre-se para nós um novo período, no qual assumimos a responsabilidade da maneira como orientarmos os nossos trabalhos perante o mundo científico, que deu mostras de confiar em nós, convencido da importância dêste país para a Arqueologia geral. Não será, pois, inoportuno fazer um sincero exame de consciência e depois de considerarmos o que temos realizado até hoje, pôr objectivamente o problema daquilo que devemos levar a cabo e da maneira como nos havemos de organizar para bem cumprirmos a missão que nos foi confiada.

Se compararmos com o actual o estado da investigação da arqueologia espanhola nos princípios dêste século, sentiremos indubitavelmente um legítimo orgulho. Outrora a nossa bibliografia científica dispunha apenas de monografias, a maior parte das vezes redigidas sob um ponto de vista de mero diletantismo local e não podíamos apresentar escavações científicas dos nossos lugares arqueológicos. A obra de conjunto sôbre a nossa prê-história era devida a um estrangeiro, Emile Cartailhac, como a única região bem explorada, Almeria, o havia sido também por estran-

geiros, os beneméritos irmãos Siret, sem diminuir o mérito dos precursores da nossa arqueologia científica, Gôngora e Vilanova, ou da intuição clarividente de M. S. de Sau-tuola. Na Arqueologia clássica contávamos apenas com os antigos trabalhos de erudição oitocentista, que havia sem dúvida reunido imenso material, porém pouco havia construído. O grande impulso às nossas antiguidades romanas, deu-o E. Hübner; todavia a investigação tem-se limitado a recolher e descrever, melhor ou pior, aquilo que casualmente se tem encontrado, à parte os excelentes e excepcionais trabalhos de Saavedra ou do P.<sup>o</sup> Fita. Só no mestre venerando da arqueologia espanhola, Mérida, temos uma figura de investigador científico completo, que luta herôicamente para implantar a ciência arqueológica em Espanha com toda a nobreza e, consciente dos problemas que lhe são inerentes, empreende, quasi sempre sem auxilio, um estudo de conjunto da arqueologia romana de Espanha, põe em relêvo a importância das civilizações ante-romanas e da arte ibérica, ao mesmo tempo que intenta a modernização dos nossos museus e divulga, em publicações numerosas, a Arqueologia geral.

Desde 1900 que se trabalha pela investigação científica, organizando-se esta, a pouco e pouco. Por certo que uma não pequena parte de tal glória cabe a alguns beneméritos estrangeiros — P. Paris, francês, A. Schulten, alemão, entre outros, cujos nomes deixaram um sulco profundo nos nossos estudos, e a quem nunca será demasiado agradecer o impulso que deram a esses estudos, quer pelo seu próprio labor, quer animando empreendimentos nacionais. Estes últimos começaram então a surgir. O Marquês de Cerralbo explora a prè-história das províncias de Sória e Guadalajara e descobre civilizações inesperadas; Numância é explorada intensamente, à custa do Estado, que prontamente facilita também os meios para as escavações de Mérida; o Museu de Barcelona inicia a escavação de Emporion; principia o estudo da arte rupestre, e juntamente com o Instituto de Paleontologia Humana, do Príncipe de Mônaco, trabalha a Comissão de Investigações paleontológicas e prè-históricas. Com a promulgação da lei de Escavações e Antiguidades é criada a Junta Superior de Escavações, que impulsiona numerosas empresas arqueológicas e, pouco a pouco, realiza um trabalho siste-

mático no sentido de estudar as principais jazidas prè-históricas e os lugares clássicos importantes: assim se inicia, além do de Mérida, o estudo de Itálica, Sagunto, Cádiz, etc. A Deputação de Barcelona e o Instituto de Estudos Catalães criam o Serviço de Investigações Arqueológicas de Barcelona, que, por sua vez, organiza a exploração e o estudo da Catalunha e das Baleares, realizando igualmente importantes trabalhos na zona limítrofe de Aragão e Valência. Segue-se o labor do Museu de Solsona, de Vich, das Deputações Bascas, da Direcção de Investigações prè-históricas do *Ayuntamiento* de Madrid; a acção ainda recente, da Deputação de Sória ou da de Valência, que criaram o seu Serviço de Investigação Prè-histórica; os trabalhos das instituições de cultura galegas, não devendo esquecer-se também as desinteressadas e exemplares empresas individuais e as novas colaborações estrangeiras, como as explorações do Instituto Francês, a de Tartessos, ou a dos acampamentos romanos. Paralelamente a estes trabalhos de investigação no terreno, começam a reorganizar-se os Museus, podendo já hoje apresentar-se, com legítimo orgulho, o Arqueológico Nacional e o de Arqueologia de Barcelona, que oferecem um aspecto de conjunto da arqueologia espanhola, ao lado de outros museus de interesse provincial ou comarcão, alguns dos quais modelares: citemos apenas o Numantino, de Sória, e o Diocesano, de Solsona. Outra importante conquista no desenvolvimento da nossa arqueologia foi a conservação das pinturas de Altamira, Hornos de la Peña, Minateda e outras, por iniciativa do Duque de Alba.

A nossa bibliografia arqueológica é hoje abundante e dispõe de trabalhos fundamentais, conhecidos e apreciados no estrangeiro, sendo os problemas nacionais discutidos em tôda a parte.

Em resultado de tudo isto, podemos afirmar que se encontra iniciado, e em muitos casos continuado intensamente, o estudo de todos os aspectos da nossa arqueologia, tanto prè-histórica, como clássica.

Consideramo-nos, portanto, na obrigação de rebater a crítica que por vezes se tem feito da nossa investigação arqueológica, à qual se tem reprovado o predomínio dos trabalhos prè-históricos sôbre os clássicos e a frequente exploração de lugares «anónimos» com prejuízo de outros

com um nome histórico célebre <sup>(1)</sup>, tal como haver-se explorado intensamente a cidade grega de Emporion e nem sequer se ter começado a exploração da cidade romana. Cada especialista prefere naturalmente os assuntos que mais lhe interessam, mas o certo é que tais críticas são infundadas. Examinando, imparcialmente e sem preconceitos, a história da Arqueologia espanhola, temos de reconhecer que em poucos países se haverá realizado tão fecundo trabalho, em pouco mais de vinte anos, sobretudo considerando que este trabalho, em muitos casos, tem sido improvizado, havendo a necessidade de criar os homens e as instituições e conseguir recursos que, alguns anos antes, ninguém sonhara poder obter. Que a Espanha haja consagrado um especial interesse às suas culturas pré-históricas, isso nada tem de extraordinário, porque elas são a chave de grandes problemas de interesse geral, como são capitais para a explicação das próprias origens históricas. Que uma parte principal dos nossos esforços, a consagremos à nossa arte rupestre e à nossa civilização ibérica, que são qualquer coisa de nós mesmos e, porventura, as mais valiosas criações da Espanha nos tempos antigos, não pode causar estranheza a ninguém, numa época em que a exacerbação do patriotismo, em muitas nações, busca de preferência no seu passado monumental os indícios da sua personalidade étnica e dos seus caracteres diferenciais, o que é legítimo, sempre que tal estudo se realize objectivamente e sem preconceitos nacionalistas anti-científicos. Não descuidamos tampouco os lugares históricos. Se, em menos de vinte anos, estudámos intensivamente Numância, Emporion e Mérida, entre outros lugares gloriosos da história espanhola ou da sua romanização, nada nos pode ser lançado à cara; e se todos nós desejamos e ninguém desistiu ainda de ver completamente escavada a Ampurias romana, nada tem de extraordinário que em anos sucessivos se haja procedido à investigação, ainda não concluída, da cidade grega.

---

(1) O A. refere-se a um artigo do Prof. Schulten, publicado em Setembro de 1929, tendo por título *Archäologische Probleme in Spanien*, no qual se deprecia com bastante aspereza a moderna orientação das investigações arqueológicas em Espanha. (Nota do trad.)

Sem dúvida que todos nós queremos alimentar essas investigações intensificando algumas e iniciando outras. Sem dúvida que muito há que fazer e que todos temos de lutar para que se faça, e se faça bem. Mas ¿ poderá alguém afirmar que qualquer outro país, em tempo equivalente àquele que nós dispendemos até hoje, haja esgotado os seus materiais de estudo? No Oriente, na Grécia, na própria Itália (quantos não são ainda os lugares célebres totalmente desconhecidos para a Arqueologia, ou que apenas viram trabalhos incompletos!

Julgamos poder encarar o passado com a satisfação do dever cumprido e que os defeitos que o nosso trabalho apresentar, são os inerentes a todo o labor no seu período de organização. É necessário, contudo, que todos nos submetamos a uma crítica rigorosa e imparcial, para que os nossos métodos de trabalho se aperfeiçoem constantemente e para que a organização do mesmo garanta o rendimento exigido pela importância da missão a cumprir e pelas necessidades da ciência moderna.

Tôda a ciência é essencialmente internacional e é no contraste dos resultados próprios com os dos investigadores dos vários países, bem como no aproveitamento dos ensinamentos dos mestres e das instituições modelares, sejam quais forem, que a Arqueologia espanhola deve procurar também a garantia de encontrar o seu verdadeiro caminho, para não enveredar com tôda a dignidade.

(*Continua.*)

M. C.